



## Ochi Chernie (Olhos negros)

**Arden Zylbersztajn\***

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Florianópolis, Brasil

ardenzyl@gmail.com

O Barbuchoco era um judeu gordo, de barba negra comprida e de maus bofes. Não que esse fosse o seu verdadeiro nome, que pode ter sido Barbachov, Barbuchov, Barbatov, ou algo parecido, ou mesmo bem diferente, pouco importa. Era como a nossa turma conhecia aquele proprietário de um depósito de madeira que funcionava no terreno ao lado de sua casa, em uma rua de pouco movimento nos fundos do Bom Retiro. Pintada de um amarelo descorado e descascado pelos anos, a construção mostrava para a calçada duas janelas altas de vidro, secundadas internamente por suas equivalentes em madeira maciça. O terreno era o cemitério das bolas de futebol que, por descuido ou grossura, fossem para lá chutadas em nossas brincadeiras de rua.

O acaso quis eu estivesse em uma esquina próxima no momento em que os meninos da Mamoré cercaram a filha do Barbuchoco e o seu irmão menor. Não foi exatamente o acaso, pois eu sabia que nas tardes de sexta-feira, antes que surgisse a primeira estrela anunciando a chegada do *shabat*, ela levava velas para a pequena sinagoga dos ortodoxos, e ficava postado para observá-la à distância, em um dos raros momentos em que podia ser vista desacompanhada dos pais.

Acuados ficaram os dois contra a parede, ela como um escudo na frente do pequeno, que trajava camisa branca, calça curta preta presa por suspensórios, meias e botinhas. Sobre os olhos apavorados do garoto destacava-se a cabeça raspada coberta pelo quipá, com cachinhos descendo pelas orelhas. A garota tinha olhos negros, assim como eram negros os cabelos que caíam em tranças e que seriam cortados e substituídos por uma peruca quando casasse. É o costume entre os ortodoxos, eu havia aprendido com o Bóris, um russinho que havia chegado ao Brasil alguns anos antes e morava na casa ao lado da minha.

Os meninos da Mamoré divertiam-se com berros estridentes, imitando um bode – méééééééé! méééééééééé! Atravessei a rua sem pensar, sem olhar para os lados, gritando, ‘não toque nela’. Eram quatro e eu estava sozinho, mas não precisaria brigar com todos,

---

\* Doutor em Ensino de Ciências pela University of Surrey e professor aposentado do Departamento de Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



bastaria enfrentar o chefe da turma, o Vesgú, assim chamado por conta da íris que teimava em escapar pelo canto do olho esquerdo. As turminhas de rua daquela época seguiam a ética dos faroestes exibidos nas matinês, pela qual somente os covardes e bandidos juntavam-se para bater em um. Os mocinhos, por sua vez, encaravam meia-dúzia de inimigos.

A turma da Mamoré e a minha viviam às turras. A minha era mais diversificada, com judeus, que eram muitos no bairro, e alguns gentios ou góis como eu, misturados. Na da Mamoré não havia judeus, mas a desavença tinha menos a ver com religião do que com demarcação de território e com a necessidade de exercitar a macheza incipiente. Por vezes, algum menino da Mamoré nos chamava de judeu, o que gerava algumas escaramuças. Dependendo do humor do dia até jogávamos futebol juntos, aproveitando para acertar as canelas dos rivais, sem que alguém alguma vez houvesse saído seriamente contundido das pelejas. Quase todos havíamos frequentado o mesmo grupo escolar, e passávamos as tardes de domingo nas cadeiras de madeira sem estofamento do Cine Marconi, o pulgueiro do bairro. Menos a filha do Barbuchoco, que não brincava na rua e jamais assistiu a um filme no Marconi.

Era bom de briga o Vesgú, porém eu estava preparado graças ao Max, um ucraniano amigo dos pais do Bóris, que afirmava ter sido boxeador peso-pesado em sua terra natal. Tamanho, mais de cem quilos de peso distribuídos por quase dois metros de altura, e nariz amassado para tanto não lhe faltavam. Garantia que só não chegara a disputar os jogos olímpicos por conta do antissemitismo dos seus conterrâneos. Eventualmente nos instruía para as brigas de rua, ensinando posturas, esquivas, *jabs*, ganchos e *uppercuts*. ‘Se a briga for de verdade, acertem com força o nariz, para quebrar mesmo... ele não vai morrer, mas vai doer e ele vai perder a vontade da brigar’, aconselhava com forte sotaque eslavo, ‘mas não esqueçam, se ele for mais forte, vocês tem apenas uma chance...se não for para acertar direito, melhor nem tentar, melhor correr.’ Suspeitava-se na vizinhança que o judeu ucraniano fosse Mister X, o mascarado misterioso dos espetáculos de luta livre que a televisão transmitia nas noites de sábado, o que não era confirmado nem negado por ele.

Seguindo os seus ensinamentos, sequer dei tempo para o Vesgú terminar a frase “não enche o sac.....” antes de arrebentar o seu nariz com o punho fechado, e ver o sangue jorrar sobre o meu braço. Atordoado, ele jurava vingança para o nosso próximo encontro, enquanto tentava conter o sangramento com as mãos, depois de ter batido as costas na parede e caído de bunda no chão.

Era a oportunidade que eu precisava, ainda que até mesmo um inocente namoro estivesse fora de qualquer hipótese. Com os ortodoxos as coisas não funcionam assim, ainda mais que nem judeu sou. Em todo o caso, a filha do Barbuchoco ficaria



eternamente grata ao seu salvador e, pelo menos, eu poderia perguntar o seu nome e dizer o meu. Então, ela relataria ao pai o meu ato heroico e ele, agradecido ao bom gentio, permitiria que eu conversasse com a menina. Que ela me notava eu sabia, pela forma com que o seu olhar, emoldurado pelo quadro da janela, seguia os meus passos, nas não raras vezes em caminhava na frente de sua casa.

Só que não aconteceu. Eu já estava preparado para escotar a filha do Barbuchoco e o irmãozinho quando o pai apareceu do nada, agarrou uma mão da filha, não lhe dando tempo de abrir a boca, e uma do filho, e os puxou pela rua sem sequer olhar para mim.

Segundo Bóris, os ortodoxos não deixam os seus filhos, e muito menos as suas filhas, chegarem perto nem mesmo de judeus não religiosos. Circuncidado e bartmitzvado que era, ele próprio não teria chances com a filha do Barbuchoco. Aconselhava que eu não nutrisse esperanças de um dia conversar com ela e, antecipando a sua vocação teatral, começava a cantarolar “Olhos negros” em russo, “*Ochi chernie, ochi strastnye, ochi zhguchie i prekrasneye.....*”, o que servia tão somente para aumentar o meu fascínio pelo olhar tímido da judia inatingível. E também pelas pernas, que mal podiam ser pressentidas a partir do pouco que seus vestidos compridos permitiam enxergar e que, aos olhos da minha imaginação, tomavam as formas carnudas daquelas das vedetes, cujas fotos apareciam nas revistas da época. Não foi com surpresa que, com a cabeça encostada nos seios nascentes da filha do Barbuchoco e enlaçado pelas suas pernas, tive o meu primeiro sonho molhado. E, pelo resto da vida, pernas roliças e cheias sempre foram a minha loucura, por vezes, minha perdição.

Tudo isso eu rememorava com o Bóris, tendo pela frente algumas garrafas esvaziadas de cerveja, na mesa de um falso boteco da Vila Madalena. Aproveitando uma passagem por São Paulo resolvi assistir a uma peça estilo besteirol que ele estava levando em um pequeno teatro. No fim do espetáculo fui procurá-lo no camarim e de lá saímos para o bar. Há quase cinco décadas que não nos víamos, contato perdido após entrarmos na universidade e tomarmos caminhos diferentes. Carecendo do *physique du role* de galã ele tornara-se Bóris Borkas, um ator de papéis cômicos, conhecido, mas sempre coadjuvante. Eu, um engenheiro na prefeitura de uma cidade de interior.

— Naquela época você contou diferente, não falou nada de ter acertado o Vesgú, disse que o Barbuchoco apareceu antes da briga começar, que a turma da Mamoré fugiu e você aproveitou para ir para o outro lado.

— Claro que acertei.

— Não foi o que o Vesgú contou.

— Você conversou com o Vesgú?



— Anos mais tarde, no Ponto Chic, lá no Paissandu. Eu costumava passar pelo bar para comer um bauru antes de ir para casa e, de vez em quando, via o Vesgú com um grupo de sujeitos que tinham polícia escrito na testa. Apenas nos olhávamos, eu bicho-grilo de teatro, barbudo, sandália de rabicho e bolsa a tiracolo. Não ia pegar bem conversarmos, nem para ele, nem para mim. Até o dia em que um pessoal invadiu o teatro no qual estávamos encenando Brecht. Quebraram o cenário, nos chamaram de comunas veados, bateram até mesmo nas meninas. O Vesgú estava com eles, agarrou o meu pescoço fingindo que dava algumas porradas, tipo a marmelada da luta livre que assistíamos na televisão, lembra? Foi me conduzindo para a saída e ordenou que eu corresse. Não adiantava eu voltar para o teatro porque a briga estava acabada mesmo. Fiquei meio mal com o grupo, que desconfiou por eu ter escapado incólume da pancadaria, mas acabaram acreditando na minha versão.

— E quando você falou com ele?

— Algumas semanas depois do episódio do teatro. Uma noite no Ponto Chic eu o segui quando foi ao banheiro. ‘Eu não ia bater num cara com quem brincava na infância’, respondeu, quando perguntei porque havia livrado a minha cara no dia da invasão do teatro. Lembrei que mais brigávamos do que brincávamos. ‘Mas era briga de brincadeira, não era para machucar’, disse então, com um sorriso menos envesgado, quase normal.

Bóris fez uma breve pausa, tomou mais um gole e limpou a espuma do bigode, antes de continuar.

— Na próxima vez em que nos encontramos ele estava sozinho. Sentei ao seu lado, pedi uma cerveja, enchi os nossos copos e falei que a coisa que tinha me deixado mais indignado foi quando você contou que ele havia cercado a filha do Barbuchoco e o irmão pequeno. Que eu tinha estranhado, porque os religiosos nunca eram incomodados, nem mesmo quando, ao anoitecer das sextas-feiras, caminhavam em direção à sinagoga ortodoxa envergando seus casacos pretos acetinados e chapéus redondos de pele. ‘Foi bobeira de criança, a gente não ia encostar neles, e logo o Barbuchoco apareceu e acabou com a brincadeira’, justificou-se o policial. ‘Mas agora vocês machucaram até as moças do teatro’, cobreí dele. ‘Só uns tabefes, coisa leve, faz parte do trabalho. Você pediu a cerveja, você paga’, e com essas palavras deu por encerrada a conversa. O Vesgú não mencionou nenhuma briga contigo.

— Ele não ia reconhecer que quebrei o seu nariz. Parece que você está acreditando mais na versão dele do que na minha.

— E então a garota ficou doente, e eles deixaram o Bom Retiro.



— Lembro, você disse que corriam rumores que o corpo da menina havia sido possuído por um *dibuk*, que se manifestava com uma voz grossa de homem. Não que eu pense que o cerco pelo Vesgú e seus amigos tivesse desencadeado alguma patologia mental na filha do Barbuchoco. É mais provável que eu, involuntariamente, tenha sido o responsável pelo seu estado. Assim como eu a desejava, ela também sentia uma atração por mim que, reprimida, manifestou-se em forma de histeria. Pelo menos é uma explicação mais científica do que o seu *dibuk*.

Isso aconteceu alguns meses depois de eu ter quebrado o nariz do Vesgú. A filha do Barbuchoco nunca mais apareceu na janela, e judeus barbudos eram vistos entrando na casa mais do que costumava ocorrer.

— De onde você tirou essa ideia maluca, isso é psicanálise de almanaque. Você está fabulando, misturando tempos e estações. Eu jamais disse algo sobre um *dibuk* ter se apossado da filha do Barbuchoco. Eu só expliquei o que era um *dibuk* anos mais tarde, quando comecei a fazer teatro com um grupo amador, e resolvemos encenar a peça do Ansky. Lembro que você foi ver a nossa montagem, numa das últimas vezes em que nos encontramos, pouco antes de ter saído de São Paulo para estudar Engenharia. Não faço ideia do que possa ter acontecido com ela. Talvez tenha ficado doente mesmo e morrido, ou se curado e estar morando em um apartamento de luxo em Higienópolis, casada com um ortodoxo rico, assim como pode ter ido para Israel, prometida para um garoto de uma escola rabínica, que passou a vida sustentado pelo estado, elucubrando sobre os livros sagrados, enquanto fazia um monte de filhos nela. Agora já deve ser avó, ou até bisavó. Esse pessoal casa cedo e não faz controle de natalidade.

Àquela altura já tínhamos tomado mais cervejas do que o razoável e o melhor seria parar a conversa por aí. Não me sentia preparado para aguentar o Bóris afirmando que eu inventava histórias, quando era a sua memória que falhava miseravelmente. Despedimo-nos com um abraço, concordando que deveríamos conversar mais vezes nos próximos cinquenta anos, mesmo sabendo da improbabilidade de futuros encontros.

É melancólico pensar que a filha do Barbuchoco possa ter lhe dado um monte de netos que não são meus filhos. Prefiro recordar os seus olhos negros tímidos e tristes, repousar a cabeça entre os seus seios fartos, ser acolhido por suas pernas carnudas e cantarolar “*Ochi Chernie*”, enquanto o sono de mais uma noite demora a chegar.

-----

Recebido em: 17/08/2017.

Aprovado em: 09/09/2017.